



# RELATOS DO BULE OU JACARANDÁS NO INFERNO

## CAPÍTULO XXIII – CONFORMISMO E SURPRESA. INTERMESSO DE SUSPENSE

**L**embram-se certamente os fidelíssimos e fidelíssimas leitoras (bule requintado tem ainda desta linguagem, mesmo em pleno séc. XXI) que Guilherme, depois de um curto-circuito mental qualquer, que o fez (muito temporariamente apenas) abandonar as suas angústias académicas, desafiou o Tio para irem a um restaurante afogar filosofias numa malga de papas de sarrabulho. É chocante, de tão prosaico, mas por vezes ocorre. Não se pode filosofar nem sofrer o tempo todo. E ainda bem.

Já iam a uns bons metros de casa, e passada larga, quando o mais velho pigarreia, ruminando uma pergunta:

— Guilherme, tu lembras-te do teu antigo colega Ricardo?

— Claro, tio. Ainda há dias estive com ele.

— Curioso. E do Luís, lembras-te, evidentemente?

— Posso curiosamente dizer o mesmo em relação a ele. Mas agora fico eu intrigado... Porque me fala neles agora? Anda aí conspiração...

— Nada, nada. É que apareceram a telefonar, nos últimos dias, um após o outro.

— Mas posso saber com que motivo?

— Nada de especial, mas coincidência curiosa: precisamente pedindo o número de telefone da Esperança.

— Da Esperança? Essa é boa! Que brincadeira!... E que lhes respondeu?

— Dei-lhes o número, naturalmente. Nunca deixei de o ter, para alguma eventualidade gastronómica... Não vamos nós agora ao célebre *Tasquinha da Esperança*? Ou já ando a ouvir mal?

— Não, claro. Ouviu perfeitamente. Mas... A dona do “bistrô” chama-se Esperança? Tinha-me esquecido. Olha que coisa...

— Antigamente era “Esperancinha”...

— Acho que entendo. Eles também vão em busca das Papas. São épicas! Ainda nos encontramos lá todos. Mas já agora, e por falar em colegas, sabe que a Diana casou?

— Não, essa não telefonou... (e fez um leve esgar, como que a provocar o outro, que se



PAULO FERREIRA  
DA CUNHA



não deu por achado...). Acrescentando:

— Ainda!... – E Alfredo levantou um dedo em riste, como se fora um profeta.

E estugaram os dois o passo, impelidos pelos seus grandes projetos.

O Bule a este ponto comentou:

— Pena que na Casa da Esperança haja poucos da minha espécie. Quero dizer, como é óbvio: bules da minha espécie. É natural: porque Bules é mais em casas de chá...

No caminho, apesar do passo apressado, e evidente sofreguidão em chegar, não puderam deixar de reparar que o velho casarão dos jacarandás tinha sido demolido. Uma linda vivenda, de uma elegância comovente, a quem as árvores ancestrais davam uma sombra exótica.

— Que barbaridade! – exclamou o arquiteto.

— Pronto – balbuciou, como se fora culpado, o outro. — Já viste o que pode o imparável progresso. E não tivemos Beatrix Potter por aqui para comprar (era um sentimental: ainda gostava de filmes românticos)... Dentro em

pouco teremos neste lugar um desses caixotes a tapar o sol.

— É uma dor de alma. Lembra-se daquele livro do Agostinho Caramelo... *Fabricantes de Infernos?* Esses construtores sem alma são, à sua maneira, fabricantes do nosso inferno urbano quotidiano.

Fazem parte da grande fábrica da nossa miséria estética e naturalmente espiritual e ética. E todas as demais, que daí decorrem...

— Não tenho dúvidas. É que não há jacarandás no inferno. ▶

***“Esses construtores sem alma são, à sua maneira, fabricantes do nosso inferno urbano quotidiano.”***



**“— Acaba de dizer tudo, tio. É esse o nosso problema, e é essa a nossa solução. Plantar jacarandás no nosso inferno. Olha que lema, hein? Não se trata de um jardim qualquer: mas de jacarandás.”**

— Acaba de dizer tudo, tio. É esse o nosso problema, e é essa a nossa solução. *Plantar jacarandás no nosso inferno*. Olha que lema, hein? Não se trata de um jardim qualquer: mas de *jacarandás*.

Vamos lá à Esperancinha! Já falta pouco. E arfou mais, porque estava para o pesadote...

Eu sei, eu sei que o autor parou aqui o manuscrito. Respirou fundo. Ficou perplexo, intrigado. “Mas afinal onde quer ele chegar, depois de tantos episódios?” E pareceu-lhe certamente que esta tirada não estava suficientemente original. Mas como vai o autor modificar os factos? Eu, bule encartado, posso afiançar que foi assim, e que os dois se deliciaram depois com as proverbiais papas de sarrabulho. Que queria o autor?

Acho que o autor (porque há um autor, além de mim, Bule educadíssimo) hesitou, mas acabou por não colocar uma mentira, dessas que a liberdade literária permite, mas são falta deontológica grave, no meu parecer de bule omnisciente. Qual? Aqui para nós, em confiança apenas, imaginem como ele compôs a cena:

Voltemos o filme para trás, e recomponhamos a cena:

“— Acaba de dizer tudo, tio. É esse o nosso problema, e é essa a nossa solução. *Plantar jacarandás no nosso inferno*. Olha que lema, hein?

Vamos lá à Esperancinha! Já falta pouco.”

E acrescentava o danado do narrador:

“Nesse instante, entra em cena, *deus ex machina*, um novo interveniente, personagem mais ativa que o corifeu da tragédia...”

Como se vê, procura torturar o leitor, nas últimas linhas do romance. Sádico. E concluía assim, meloso:

“Era o telemóvel. Saltava no bolso do arquiteto. Tinha-se esquecido de o desligar, como fazia, religiosamente, em aulas, em reuniões e mais ainda em almoços e jantares, que eram coisa sagrada.”

— “Pronto!”

Do outro lado, uma voz clara, luminosa e salgada:

— “Caro Professor Guiglermo?”

*Jacarandás no inferno?* Hmmm... Nem por isso...

Parece que entretanto ele se decidiu por este final de capítulo.

Afinal não vamos ficar por aqui. Para a próxima, ainda há mais... E promete. Pelo menos, nessa estória paralela. A clássica estória, se preferirem, acaba nas papas de sarrabulho. Mas quem quer ser clássico nos dias que correm? •